

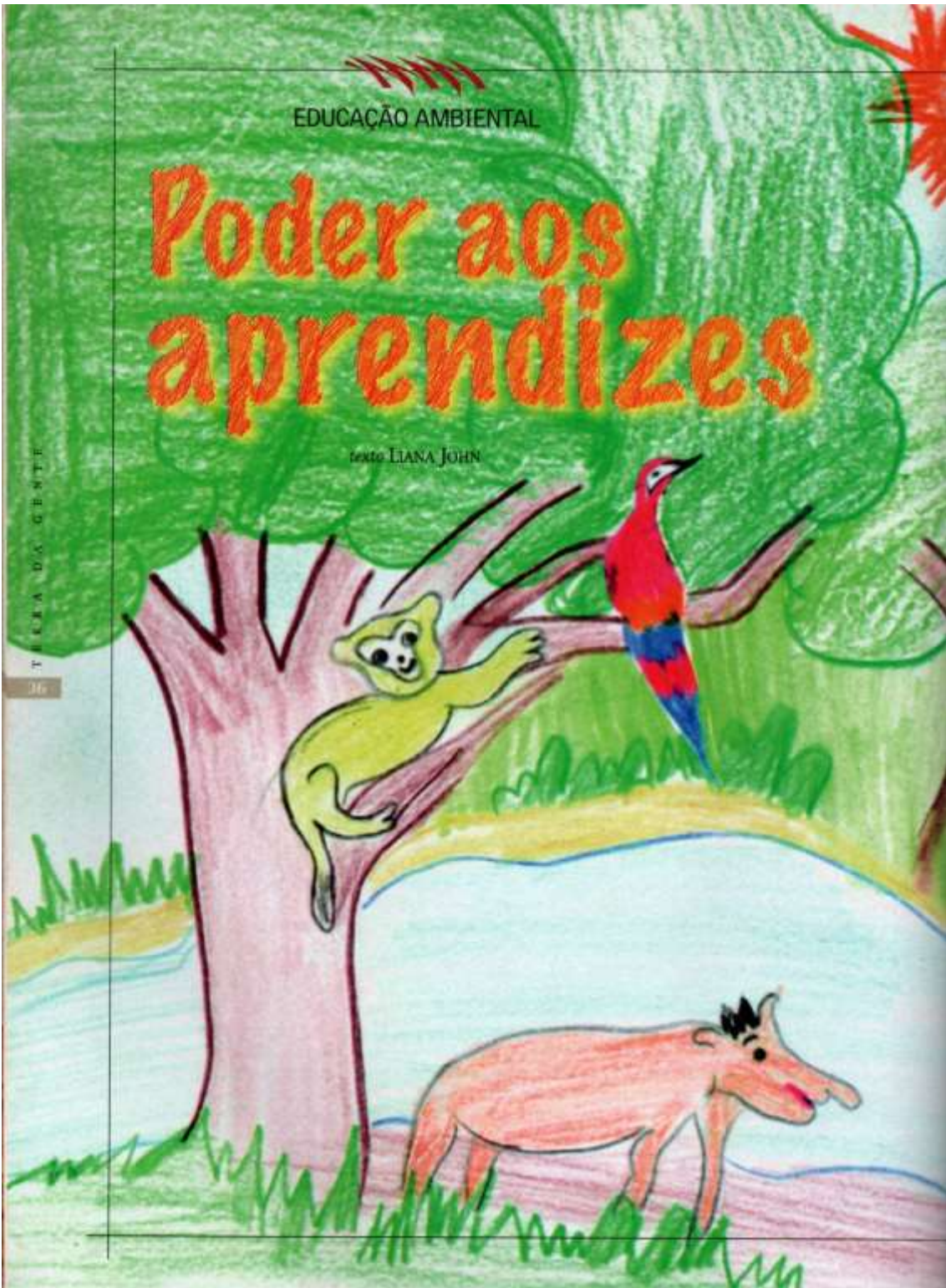
EDUCAÇÃO AMBIENTAL

# Poder aos aprendizes

texto LIANA JOHN

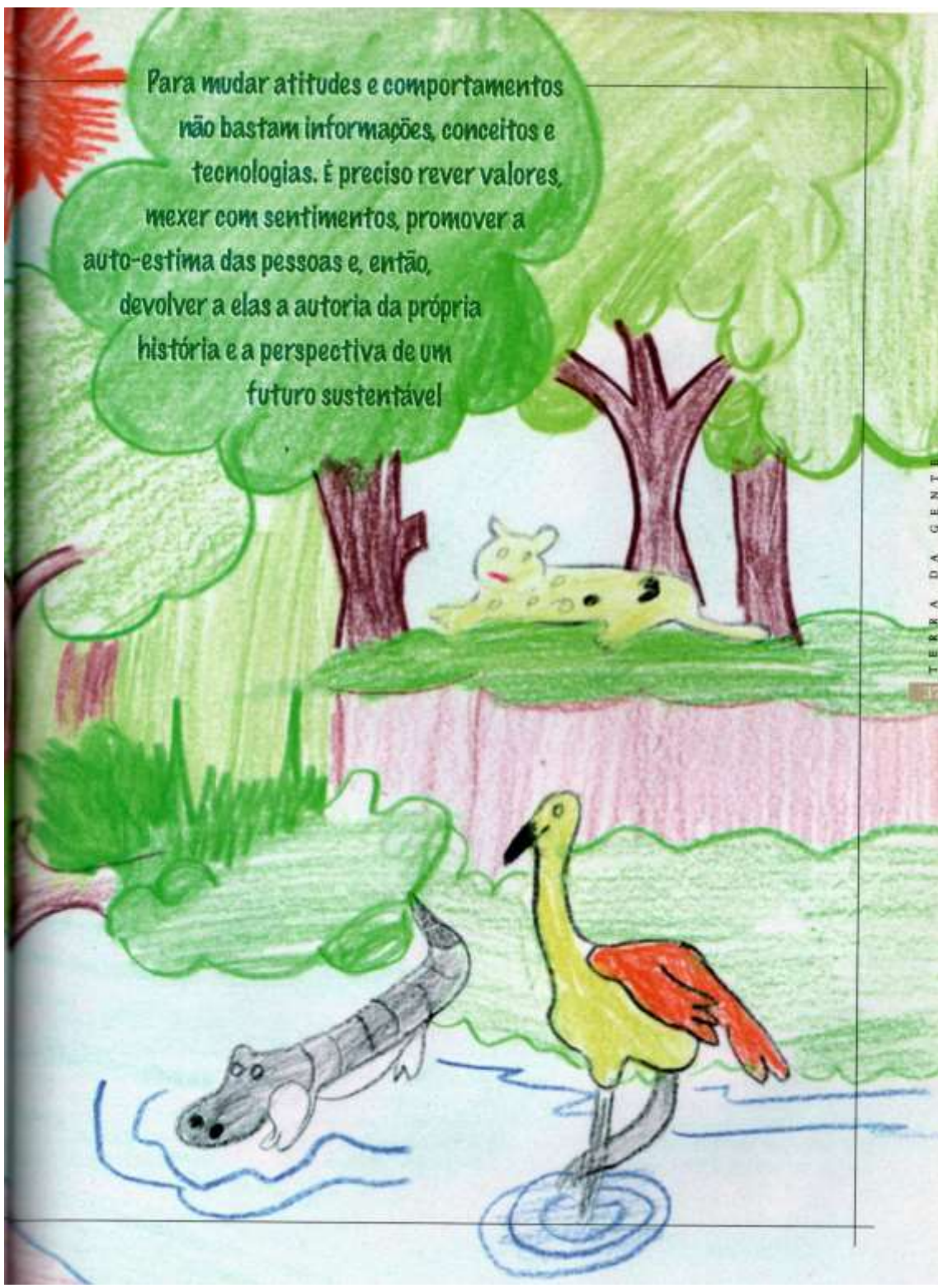
TERRA DAS GENTE

26





Para mudar atitudes e comportamentos não bastam informações, conceitos e tecnologias. É preciso rever valores, mexer com sentimentos, promover a auto-estima das pessoas e, então, devolver a elas a autoria da própria história e a perspectiva de um futuro sustentável



**AULA NA NATUREZA**

Nas águas amazônicas ou em terras paulistas (abasco), o IPÊ passa a educação ambiental da teoria para a prática



**A** vida faz esquina nas pessoas. E só dobramos a esquina - mudando de rumo, de atitude, de comportamento - movidos pelo coração. A educação ambiental no Brasil segue uma série de princípios, formalmente reunidos num documento de nome bonito, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. Mas os projetos só funcionam de fato quando contam com educadores capazes de tocar o coração de crianças, jovens ou adultos e mostrar que eles têm poder para sacudir velhos hábitos.

Suzana Padua é uma dessas educadoras. Ela preside o Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) e vive entre São Paulo, Paraná, Amazonas



e Brasília, quando não passa também pelo Exterior. Em meio aos numerosos compromissos, à frente de uma equipe de 90 pesquisadores e técnicos, ela sempre encontra

tempo e disposição para incentivar brasileiros, mesmo os mais simples, a perceberem a riqueza da própria cultura e do ambiente onde vivem. Aos poucos, com a auto-estima ele-



## Os princípios do Tratado

Assinado em junho de 1992, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global é a principal base para as ações dos educadores ambientais. Embora os projetos fiéis a esse tratado ainda sejam pontuais e restem muitas lacunas a preencher, muitos educadores discutem maneiras de levar a teoria à prática por meio da Rede Brasileira de Educação Ambiental (Rebea), uma conexão virtual entre 40 redes regionais, 4 redes nacionais temáticas e 2 redes internacionais, todas voltadas para a educação ambiental.

Alguns dos princípios na mira de toda essa gente são:

- A educação é um direito de todos, somos todos aprendizes e educadores.
- A educação ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo ou lugar,

em seus modos formal, não formal e informal, promovendo a transformação e a construção da sociedade.

- A educação ambiental é individual e coletiva. Tem o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária, que respeitem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações.

- A educação ambiental deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar.

- A educação ambiental valoriza as diferentes formas de conhecimento. Este é diversificado, acumulado e produzido socialmente, não devendo ser patenteado ou monopolizado.

- A educação ambiental deve promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições, com a finalidade de criar novos modos de vida, ba-

seados em atender às necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião, classe ou mentais.

- A educação ambiental deve integrar conhecimentos, aptidões, valores, atitudes e ações. Deve converter cada oportunidade em experiências educativas de sociedades sustentáveis.

- A educação ambiental deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta, respeitar seus ciclos vitais e impor limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos.

**OBS.:** Para ler o tratado completo, acesse o site [www.paulofreire.org/Movimentos\\_e\\_Projetos/Cidadania\\_Planetaria/Edpedagogia/tratado\\_ambiental.htm](http://www.paulofreire.org/Movimentos_e_Projetos/Cidadania_Planetaria/Edpedagogia/tratado_ambiental.htm)

vada, eles aprendem a trabalhar de forma mais sustentável e a promover a melhoria de qualidade de vida com conservação ambiental.

"Infelizmente nós somos formalmente educados para a passividade. Não é de agora, isso acontece há várias gerações. Assistimos a todos os fenômenos ambientais e sociais como se não fôssemos capazes de mudar. Os oceanos, o buraco de ozônio, o aquecimento global, os problemas parecem sempre muito grandes, a tendência é de ficar perdido no meio de tanta coisa. Nas escolas, o professor não tem formação para assumir a liderança, para incentivar a participação e ele precisa mudar a maneira de ver o seu papel", comenta Suzana. "O primeiro passo, portanto, é mostrar às pessoas que é possível,

### A educação ambiental é um processo coletivo e permanente

eles podem transformar a própria imagem e ir galgando patamares até se perceberem capazes de mudar atitudes para sobrevivermos todos e o planeta também. A educação ambiental toca o lado sensível das pessoas, valoriza o lado artístico normalmente desvalorizado, e é um desafio permanente, porque o processo precisa ser contínuo".

O empoderamento — uma tradução livre do inglês *empowerment*, expressão muito comum entre educa-

dores ambientais — da população com a qual o IPÊ trabalha é obtido por meio de eco-negociações: os mais diversos setores de uma região se reúnem para discutir os problemas e propor acordos e soluções. "Um projeto pronto seria um desastre, não teria adeptos, na eco-negociação as pessoas descobrem o próprio potencial e os poderosos não têm chance de manipular todos", acrescenta Suzana. Para ela, a medida do sucesso em tamanha empreitada não está na quantidade de prêmios recebidos, embora sejam muitos, nacionais e internacionais. A medida do sucesso está na forma como se expressam os vizinhos do Parque Estadual Morro do Diabo, no Pontal do Paranapanema, onde a entidade atua há mais tempo. Há 20 anos, eles achavam a floresta



um obstáculo ao desenvolvimento e não sabiam que bichos eram protegidos ali. Hoje têm orgulho de morar ao lado do mico-leão-preto, de acordar com o canto dos pássaros e consideram a mata uma relíquia. E cada um vive isso a seu modo: uma assentada planta 'de meia' com as aves, sem se importar com o fato de elas comerem as frutas de seu pomar. Outra deixou de ser caçadora assumida e tornou-se artesã...

María das Graças de Souza, ou Gracinha, como todos a conhecem, é o braço direito de Suzana no programa de educação ambiental *Um Pontal bom para todos*. Só em 2006, Gracinha ajudou a organizar 48 eventos de cultura e lazer associados à conservação ambiental; 5 mutirões de plantio de árvores na-

### *Os moradores do Pontal agora respeitam a mata e os bichos*

tivas; a arborização comunitária do assentamento Água Sumida; visitas de 413 pessoas ao Morro do Diabo; e distribuição de informação ecológica para 17.838 pessoas, além de realizar cursos de capacitação para 65 professores da rede pública, 100 estudantes e 23 mulheres. As ações educativas são todas concertadas com os programas de conservação do IPÊ. Assim, os plantios foram feitos nas áreas destinadas à formação de corredores para a circulação de

fauna entre o parque e fragmentos florestais de fazendas ou assentamentos próximos. As artesãs capacitadas se inserem nos planos de negócios sustentáveis da entidade e trocam experiências com mulheres de outras regiões. Os jovens estudantes se inserem num programa maior de conscientização e manutenção de viveiros em assentamentos, e assim por diante.

Entre tantas atividades, Gracinha não esconde um certo xodó pelo programa jovens EONscientes. São 10 estudantes de 15 a 18 anos, 5 do meio urbano e 5 do meio rural, de assentamentos. Eles aprendem a discutir temas diversos – reciclagem, biodiversidade, poluição, desmatamento, extinção de espécies, conservação do solo e dos recursos hídricos, turismo ecológi-



## Líderes do futuro

Em julho e agosto último, 16 estudantes norte-americanos visitaram projetos do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) durante duas semanas, em São Paulo e no Amazonas, como parte de um programa de educação ambiental da entidade ambientalista WWF dos Estados Unidos, que visa incentivar lideranças. A viagem foi patrocinada pela Nissan e é apenas uma pequena parte de uma parceria de vulto entre a montadora de veículos e os ambientalistas, com recursos de US\$ 1 milhão para um projeto regional de despoluição de rios e afluentes nos estados do Tennessee e Alabama, nos EUA, e R\$ 300 mil para o financiamento de estudos de viabilidade para a criação de unidades de conservação na Amazônia.

Criado e coordenado por Shaun Martin (na foto, ao centro), esse programa de educação ambiental tem uma abordagem bastante inovadora, por se concentrar menos na opção de carreira do jovem e mais na capacidade de liderança. "Não queremos criar líderes, mas dar uma oportunidade de líderes natos terem contato com as questões ambientais. Acreditamos que a preocupação com a conservação permeia tudo. Não importa onde a pessoa trabalha, não importa a função, todos têm um papel a desempenhar na conservação ambiental", enfatiza.

Este ano foram 100 candidatos e os 16 selecionados enfrentaram uma bateria de testes, respondendo a pergun-

tas curiosas (como "qual o animal que melhor representa sua capacidade de liderança?"). Foram escolhidas pela criatividade das respostas e pela capacidade de resolver problemas, associada à experiência com voluntariado e outras iniciativas pessoais.

No final da viagem, conversamos por telefone com dois dos futuros líderes, Erin Allen (à dir.), que cursa Ciências Ambientais na Universidade de Michigan e se interessa por planejamento urbano sustentável, e Tramatine Phillips (à esq.), que cursa Economia Ambiental e Sistemas Geográficos de Informação na Universidade Estadual de Michigan e pretende trabalhar com a promoção de uma economia mais sustentável para seu país.

"Não esperava que a Amazônia fosse tão variada. Achei que seria apenas floresta tropical densa. Não imaginava comunidades assim, capazes de viver da floresta com pouco impacto no ambiente. Tenho mais a aprender do que a ensinar a eles. E acredito que posso ajudar as pessoas nos Estados Unidos a terem uma ideia mais clara do que acontece na Amazônia, de fato", comentou Erin. Para Tramatine, a surpresa foram as pessoas: "Esperava apenas pequenas comunidades ribeirinhas e floresta e me surpreendi com o tamanho de Manaus. E, nas comunidades, chamou minha atenção o modo como foram receptivos, como foram abertos, mostrando tudo, agradecidos por nossa visita".



## Os monitores tornam-se agentes multiplicadores entre os jovens

co e responsável — e depois atuam como monitores em visitas eco-pedagógicas em escolas e no parque. O contato prolongado dos educadores com os jovens e dos jovens entre si, ao longo de um ano, promove mudanças profundas. "Eles se tornam agentes multiplicadores em seu próprio meio. O resultado é bastante positivo. Eles passam a ser detentores do conhecimento e da proposta de educação", diz Alcino Vilela, do Instituto Elektro, ligado à concessionária de energia de mesmo nome, patrocinadora do projeto. Os recursos — R\$ 60 mil por ano — incluem uma bolsa de R\$ 175,00 mensais para cada jovem monitor.

Em duas outras localidades paulistas onde a Elektro distribui energia, o instituto mantém programas semelhantes. Em Pariqueira-Açu são 15 jovens filhos de fazendeiros e de agricultores, o foco é o combate à caça, e a parceria é com o Instituto Florestal, responsável pelo Parque Estadual da Serra do Mar. Em Ubaituba, são 15 filhos de pescadores e assentados, o foco é o mar, e a parceria é com a Prefeitura Municipal.

A educação ambiental continuada, ao longo de pelo menos 10 meses, também tem bons resultados em Guarimirim (SC), no Instituto Rã-Bugio. A cada ano, são selecionados 350 crianças e adolescentes — 35 alunos de cada uma das 10 escolas locais participantes — para um programa de encontros mensais. Divididos em grupos por faixas etárias — de 5 a 9 anos e de 10 a

## As crianças ajudam a denunciar os agressores dos recursos naturais

15 anos –, eles saem a campo com Elza Woehl para conhecer a realidade ambiental da região. “Vamos a restingas, manguezais, minerações de caulim, aterros, mananciais, loteamentos clandestinos, não ficamos só restritos à área do instituto e aos anfíbios, que sempre foi nosso foco principal”, conta Elza. “Eles aprendem a enxergar que alguns processos, antes considerados ‘normais’, produzem grande impacto ambiental e – o mais importante – descobrem que podem fazer alguma coisa contra a degradação, juntando fotos e informações para abastecer o Ministério Público, mostrando aos responsáveis por empreendimentos irregulares que estão atentos e não aceitam passivamente qualquer coisa”.

A mudança de atitude muitas vezes começa com a experiência com os anfíbios, sempre usados como exemplo por Elza, na hora de explicar como funciona a cadeia alimentar ou quais os efeitos da degradação de ecossistemas sobre a biodiversidade. “Eles chegam sem base nenhuma, falta estímulo para pensar, estão acostumados a ficar em sala de aula com muita teoria e nenhuma prática. Teoria é bom, mas com a prática nunca mais eles vão esquecer. Ao verem uma peregrina no ambiente, e tocarem, e pegarem na mão, eles aprendem a superar o medo ou nojo inicial, vencem o preconceito. Então, mudam totalmente de opinião”, acrescenta a educadora. “Ao longo dos meses, eles aprendem a observar, perce-

## Palco para reflexões

texto GRACIELA ANDRADE

*Eles chegam cheios de expectativas. Os olhinhos arregalados e curiosos percorrem todo o teatro e acompanham a movimentação. Inquieta como a maioria das crianças, a pequena Júlia se estica toda na poltrona para avistar o palco e não esconde a ansiedade: “Tio, esse teatro não vai começar nunca, não?”*

*Antes mesmo de se ouvir a resposta, as luzes se apagam e um breve silêncio se faz presente. São poucos segundos até os acordes da viola ecoarem no teatro. Sob a luz do lampião, o cenário se revela lentamente. A música agora cede espaço para o coaxar dos sapos e nos remete a uma noite no interior. Augusto entra em cena e logo anuncia a história de amor que vai contar: “O rio mais lindo do mundo, é o meu rio!”*

*O garoto cresce, a cidade dele já não é mais a mesma, e o pior: o rio, o seu grande amigo, também muda. Fica menor, sujo e sem peixes. “Meu rio, meu velho, o que foi que fizeram*

*com você?” – pergunta, aos prantos.*

*É nesse tom, com essa delicadeza, que a peça infantil Era uma Vez um Rio toca num assunto sério – a devastação ambiental – e desperta no público os sentimentos de fidelidade e respeito à natureza. A peça está em cartaz há um ano, já recebeu mais de 3 mil espectadores e conquistou diversos prêmios.*

*“Interpretar o Augusto foi um grande presente para mim”, conta Ando Camargo. Na opinião do ator de 29 anos, a peça ensina sem ser chata. “Ao sofrer com a morte do rio, Augusto deixa claro que sem cuidados a natureza não sobrevive. Além das crianças, os pais também se emocionam e me deixam muito feliz quando chegam até mim, depois do espetáculo, e me agradecem pelo presente que eu dei aos filhos deles. Isso é maravilhoso”.*

*Para Hugo Picchi, que interpreta a mãe, o pai e o avô de Augusto, o teatro tem uma fórmula mágica e*

*encantadora de ensinar as crianças. “Elas prestam atenção, aprendem e tentam reproduzir o que viram em casa. A gente só consegue cuidar, preservar, quando a gente conhece e ama”. A atriz Nábia Vilela faz coro: “Torcemos para que todos saiam daqui mais apaixonados pela natureza, que a tenham como amiga e cuidem mais dela”.*

**SERVIÇO:** A peça Era uma Vez um Rio continua em cartaz no Teatro Folha, no Shopping Pátio Higienópolis, em São Paulo, até 30 de setembro



GRACIELA ANDRADE





DELSON

TERRA DA GENTE



#### AUTOR DA HISTÓRIA

Morador da Serra da Canastra  
com material do livro que  
está ajudando a escrever,  
num processo de criação coletiva

bem quanta vida tem num só metro quadrado de Mata Atlântica, aprendem a gostar. E, quando se mexe com sentimento, a educação ambiental funciona. Eles se tornam multiplicadores. A conservação começa no coração”.

Desde o início de 2007, o programa do Instituto Rá-Bugio inclui a capacitação de professores para adotar a transversalidade, ou seja, a inclusão de questões ambientais nas diversas disciplinas do currículo escolar. “Um professor fica um ano com cada classe, todos os dias.





### *Na Serra da Canastra o povo escreve a própria história*

Em um ano dá para mudar muita coisa, mas ainda falta um conhecimento mais organizado, falta construir mais alianças. Meio ambiente não é só Biologia ou Geografia", conclui Elza Woehl.

Na Serra da Canastra (MG), o projeto de educação ambiental do Instituto Pró-Carnívoros começou em 2004, com a intenção de mudar o preconceito dos sítiantes em relação ao lobo-guará, considerado um

'ladrão de galinhas'. O animal consome mais frutos do Cerrado e pequenos mamíferos e anfíbios do que propriamente galinhas, mesmo assim é caçado ou envenenado com frequência.

Coordenado por Marcelo Bizerril, também professor da Universidade de Brasília (UnB), o projeto assumiu uma dimensão cultural mais ampla com o Cine Lobo, um cinema itinerante que vai às fazendas e sítios exibir filmes do circuito comercial precedidos de um curta-metragem sobre os hábitos do lobo-guará. "Introduzimos o hábito de discutir filmes, desconhecido daquela população, e agora já tem gente de lá pensando em produzir vídeos sobre a Canastra", conta Bizerril.

#### **NOVOS CAMINHOS**

*A frente dos alunos, Elza Woehl, do Rã-Bugio, mostra a realidade ambiental e os caminhos para uma nova mentalidade a partir da experiência com os anfíbios (pág. seguinte)*

Os planos de produção cinematográfica, na verdade, são um reflexo de outro projeto de educação ambiental informal, também coordenado pelo Pró-Carnívoros: a edição de um livro no qual a população local conta a própria história. O livro tem 31 autores de 5 municípios do entorno do Parque Nacional da Serra da Canastra. São agricultores, comerciantes, jovens estudantes, idosos, ex-funcionários de órgãos ambientais, todos moradores



da Canastra. Eles reuniram fotos antigas, desenhos e produziram textos com relatos pessoais e pesquisas sobre 5 temas: Recursos Hídricos e Geográficos, Natureza e Biodiversidade, Economia e Desenvolvimento, História e Cultura.

"Nós, do instituto, não escrevemos uma linha sequer. Tudo ficou por conta deles, são assuntos do interesse deles, é um discurso ambiental deles, muito interessante", afirma o coordenador. "Eles estão muito motivados por terem se tornado donos da própria história com a expectativa de contribuir para o futuro, superando questões do passado". A reunião de fechamento do livro acontece neste mês de setembro e o livro será lançado ainda em 2007, provavelmente em novembro.

Pôr a 'massa' nas mãos dos educandos também é a estratégia do educador Gustavo Veronesi, responsável pelo projeto de educação ambiental da Fundação SOS Mata Atlântica. Nascido do Núcleo Prático, o projeto ainda tem os rios no centro das atenções. Veronesi repassa uma maleta com um kit completo de análise de água para os voluntários de grupos comunitários e os ensina a monitorar a qualidade das águas dos rios locais. "O fato de eles fazerem as me-

dições, observarem os peixes, a cor do rio, a transparência, tudo isso funciona como um estímulo para eles entenderem e acompanharem o que acontece ali em volta", observa o educador. "Logo eles aprendem a discutir não só a qualidade das águas, mas o que fazer para manter ou melhorar essa qualidade".

Na opinião de Veronesi, muitas pessoas ainda têm uma visão romântica e até piegas de meio ambiente e do trabalho dos ambientalistas. "A percepção ainda é pontual, meio ambiente não é entendido como algo que permeia tudo. E a educação ambiental não pode ficar restrita a essa visão. Educação ambiental é uma educação para a cidadania, não educamos ambientes, educamos pessoas para relacionar os temas, ter abrangência, saber o que está acontecendo no mundo. E mudar atitudes".

Na opinião de Viviane Junqueira – outra educadora de 'fazer es-quina' – a mudança de atitude, em casa, no local onde se mora, é o grande gargalo da educação ambiental. "Para sair da informação e mudar comportamentos é preciso ir mais fundo, é uma questão de valores", comenta. "Hoje temos mais informação, mais disponibilidades de conhecimento, o Brasil avançou

## *Diálogo – e não tecnologia – ajuda a resolver a questão ambiental*

muito na formação de redes, estabelecendo trocas, num nível ainda não encontrado em outros países latino-americanos. Mas ainda não é suficiente para mudar comportamentos. É preciso ter o senso do bem comum: o que eu quero para mim tem que ser o que desejo para o outro. A vida deve ter valor independente da espécie".

Antropóloga de formação e educadora de coração, Viviane trabalhou no Ministério do Meio Ambiente de 2000 a 2003 e depois coordenou o programa de educação ambiental da Conservação Internacional. Hoje é consultora de empresas com programas próprios de educação ambiental, voltados tanto para funcionários como para as comunidades vizinhas a fábricas e empreendimentos. "Amasso barro e consigo andar de salto", brinca ela, referindo-se ao paciente trabalho de estabelecer pontes entre universos muito diferentes. "Acho que estamos no caminho, a boa intenção está presente, mas ainda precisamos ter a escuta aberta e respeitar a diversidade. Nenhuma tecnologia vai resolver a questão ambiental, ainda precisamos aprender a dialogar".

### **PARA APRENDER OU PARTICIPAR MAIS:**

REDEA (Rede Brasileira de Educação Ambiental)  
[www.eco.org.br/rede](http://www.eco.org.br/rede)

IPE [www.ipe.org.br](http://www.ipe.org.br)

Instituto Eletro [www.eleto.com.br](http://www.eleto.com.br)  
(focar em Responsabilidade Socioambiental)

Instituto R5-Bugio [www.r5-bugio.org.br](http://www.r5-bugio.org.br)

Instituto pró-Cerrados [www.proccerrados.org.br](http://www.proccerrados.org.br)

Fundação SOS Mata Atlântica [www.sosma.org.br](http://www.sosma.org.br) ou  
[www.redebrasil.org.br](http://www.redebrasil.org.br)

Viviane Junqueira [vivjmg@gmail.com](mailto:vivjmg@gmail.com)